

# DOS IDEAIS E DO SIMBOLISMO DA FESTA DA ÁRVORE NA I REPÚBLICA

---

*Alberto Filipe de Abreu ARAÚJO*

Universidade do Minho

*Joaquim Machado de ARAÚJO*

Universidade Católica Portuguesa

PALAVRAS-CHAVE

**Festa da Árvore; Educação  
republicana; Simbolismo vegetal**

**ID: 68**



Já impulsionada sobretudo por elementos da maçonaria no período monárquico, a Festa da Árvore assume especial relevo após a implantação da República sobretudo até ao eclodir da primeira Guerra Mundial (1916-1919). Intimamente associada aos ideais e valores republicanos, a Festa da Árvore realiza-se pela primeira vez no Seixal em 26 de Maio de 1907, promovida pela Liga Nacional de Instrução, entretanto criada para promover a instrução nacional, principalmente a instrução primária, e que foi presidida por Bernardino Machado.

Entre 1912 e 1915, várias iniciativas são fortemente impulsionadas pelo jornal *Século Agrícola*, com especial relevo no ano de 1913 em que, pela primeira vez, se realizou no mesmo dia a nível nacional. Desta época temos notícia de Festas da Árvore em vários pontos de Portugal, nomeadamente em Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Aveiro, Santarém, Castelo Branco, Évora, Alcáçovas, Alcobaça, Lourinhã, Barreiro, Seixal, Moita, Fundão, Almodôvar, Lousã, Montemor-o-Novo e Amadora. A Festa da Árvore obedecia a um esquema organizativo que incluía um cortejo cívico com autoridades locais, professores, alunos e povo em geral, a entoação do hino nacional e de canções patrióticas, plantação de árvore, recitação pelos alunos de poemas por eles compostos, discurso consagrador dos valores cívicos da República e eventual lanche final que acentuava a vocação societária e fraternal da festa.

O valor educativo, moral e cívico da Festa da Árvore é particularmente realçado no discurso pedagógico republicano, nomeadamente em comunicações a congressos da Liga Nacional de Instrução, em revistas como *Educação Nacional* e a *Ilustração Portuguesa* e outras publicações, enquanto representação e expressão do ideal de regeneração que atravessa a mundividência republicana (Catroga, 1991 e Araújo, 1994 e 1997). A sua importância cívica e pedagógica traduz-se mesmo na elaboração de um "Guia para a organização e realização da festa da árvore" (Walgôde e Queiroz, s.d.). Assim, sob o pretexto da festa da árvore, as elites republicanas, culturais, políticas ou pedagógicas, endoutrinavam a sociedade com os novos valores republicanos – solidariedade, igualdade e liberdade (Teixeira Bastos) – que serviam para consagrar uma educação moral, cívica e patriótica que buscava, mais que criar uma rutura radical com o passado e mesmo com os ensinamentos da pedagogia iluminista e republicana do século XVIII, estabelecer uma continuidade com estes sobretudo retomando o ideal regenerador do nosso republicanismo que fazia do postulado da antropologia iluminista – o de que o ser humano é infinitamente perfectível – uma das suas pedras angulares. Este ideal estava bem simbolizado pela plantação da árvore e, para além da sua dimensão política, inscrevia-se numa mundivisão educacional e numa prática pedagógica que requeria um tempo lento em ordem à formação de "um homem novo" (Alberto Filipe Araújo) que era o cidadão republicano, imbuído de idealismo, de bondade, de altruísmo e de solidariedade, formado numa demopédia que se proclamava laica e completa numa linha da *mens sana in corpore sano* de Juvenal e que os pedagogos republicanos, nomeadamente João de Barros, muito apreciavam.

É portanto sob este fundo que a nossa comunicação se inscreve. Esta comunicação apresenta um estudo sobre a Festa da Árvore enquanto ritual, símbolo e festa escolar da I República, retoma e explicita as representações dominantes sobre o sentido republicano da Festa, utilizando como principais fontes jornais, revistas e outras publicações da época, que submete a um conjunto de procedimentos hermenêuticos com o objetivo de recensear as metáforas utilizadas, identificar as ideias força recorrentes a elas associadas, sublinhar a relação entre ideologia e mito, ilustrar a "pregnância simbólica" (Ernst Cassirer) das manifestações ideológicas, políticas e pedagógicas vertidas na Festa da Árvore e evidenciar o simbolismo vegetal bem como os mitos subjacentes para compreender o alcance simbólico e arquetípico do ideário educacional republicano. Partindo dos vários textos que publicitam a realização da Festa da Árvore e dos estudos mais ideologizados da autoria dos pedagogos e de propagandistas da causa republicana, procuramos, num primeiro momento, realçar os ideologemas mais significativos e recorrentes que estão presentes nessas fontes para, num segundo momento, discutirmos se a recensão desses

mesmos ideologemas, que contêm já em si várias representações culturalistas da árvore enquanto veiculadoras dos valores republicanos, são suscetíveis já de as esgotar. O que se pretende pois discutir, numa perspectiva da hermenêutica simbólica de Gilbert Durand, é se esses ideologemas não transmitirão, mediante o sentido mais profundo da semântica que habita a metáfora hortícola, um cenário simbólico, senão mesmo mítico, em que o simbolismo vegetal, bem estudado por Mircea Eliade, estende os seus "ramos" para paragens cujo semantismo é já arquitetado e condensado em mitos, heróis, deuses ou outras figuras míticas de que Anteu é um bom exemplo.

Consideramos para o nosso estudo os contributos de Fernando Catroga (1991:446-449), Alberto Filipe Araújo (1994:122-130), Joaquim Pintassilgo (1998:177-200) e José Neiva Vieira (2010) sobre a Festa da Árvore na Primeira República. Os dois primeiros autores associam a Festa da Árvore ao tema da regeneração cósmica, discutem as continuidades e ruturas da República face à Monarquia e enfatizam as ideias de refundação e redenção que a revolução republicana simboliza na construção de uma pátria nova e na formação de um homem novo. Por seu lado, Joaquim Pintassilgo (1998) retoma a Festa da Árvore como festa revolucionária, realçando-lhe o significado cívico-pedagógico enquanto ritual potenciador de regeneração social, e o seu esquema organizativo e José Neiva Vieira elenca várias festas da árvore e apresenta representações iconográficas e conferências florestais da época, ao mesmo tempo que enfatiza o culto ancestral da árvore, símbolo da vida, do espírito e do conhecimento, símbolo de fecundidade e de verticalidade, símbolo de transformação e de evolução, símbolo de segurança e de proteção. As interpretações culturalistas de autores, tais como Fernando Catroga (1991) e Joaquim Pintassilgo (1998), em muito contribuíram para uma melhor compreensão do significado da Festa da Árvore na Primeira República, contudo não esgotam a riqueza semântica que a árvore como símbolo primário (Paul Ricoeur) contém. Por conseguinte, na presente comunicação defende-se uma interpretação que radicaliza a leitura culturalista na base de uma interpretação mítico-simbólica que melhor dê conta dos fluxos metafóricos (dimensão vegetal), simbólicos (dimensão cósmica, onírica e poética) e míticos (dimensão arquetipal) da árvore já não como mera representação culturalista, mas antes como símbolo vivo e atuante do imaginário social e mítico. A este respeito, Fernando Catroga, no seu *Republicanism in Portugal* (1991), embora evocando as figuras de Prometeu e de Anteu como ideais da regeneração republicana e da formação do seu "homem novo", nunca terá abandonado o seu registo ideo-metafórico próprio do imaginário social. Já a nossa abordagem, assentando naturalmente noutros pressupostos hermenêuticos, ousa conferir a essas mesmas figuras um estatuto realmente mítico e pregnante simbólico. Este passo marca a diferença visto que, ao contrário de Catroga, nós defendemos que são os grandes mitos e a sua simbólica que eterniza as grandes ideias educativas, com a da "formação do homem novo", e não as meras mundividências ideo-políticas e sociais ainda que estas obviamente as sirvam para as promover.

Aquilo que se pretende discutir e defender, como conclusão final, é, na linha dos estudos de Jean-Pierre Sironneau, a relação entre ideologia e mito. Os autores, mediante um processo hermenêutico ancorado na mitanálise (Gilbert Durand), procuram a partir de um sentido aparente ou patente, o do discurso ideo-pedagógico, encontrar um sentido latente onde os grandes símbolos e traços míticos se escondem. Resumindo, aceita-se que, por uma exigente análise de conteúdo de inspiração estruturalista figurativa (Gilbert Durand), os textos analisados da época sejam recenseados em unidades significativas de sentido para depois se proceder à sua interpretação hermenêutica para deles se extrair uma espécie de sumo mítico-simbólico e no limite colecionarmos uma espécie de murmúrio que borbulha por detrás das estruturas sintático-semânticas onde o sentido último do "politeísmo dos deuses" vem desaguar.

Para este estudo, utilizamos como bibliografia auxiliar os trabalhos realizados por: Catroga, F. (1991). *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*. 2º Vol. Coim-

bra: Faculdade de Letras; Pintassilgo, Joaquim (1998). *República e Formação de Cidadãos. A Educação Cívica nas Escolas Primárias da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri; Vieira, José Neiva (2010). *O Culto da Árvore e a 1ª República*. Lisboa: Ministério da Agricultura, e Desenvolvimento Rural e das Pescas/Autoridade Florestal Nacional; Araújo, Alberto Filipe (1997). *O "Homem Novo" no Discurso Pedagógico de João de Barros*. Braga: IEP/CEEP/UM; e Walgôde, A. e Queiroz, Eusébio (s. d.). *Guia para a organização e realização da festa da árvore*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.